

# “Educai Vossos Filhos”: a história da racialização no Ensino Profissional Tecnológico<sup>1</sup>

Natália Garcia Pinto<sup>2</sup>  
Adriana Duarte Leon<sup>3</sup>  
Adriana Barboza Roschild<sup>4</sup>

## Resumo

O presente estudo aborda a racialização no Ensino Técnico Profissional pelotense no recorte temporal da década de 1930. A luta pela educação sempre foi uma pauta da população negra, busca-se nesta reflexão apontar algumas iniciativas neste sentido e analisar a consolidação da Educação Técnico Profissional em uma cidade do sul do país. A proposta metodológica está alocada na perspectiva qualitativa, com abordagem histórica, técnica afiliada na análise documental. A população pelotense no período em estudo era composta majoritariamente por negros, contudo esses sujeitos não aparecem na mesma proporção nos bancos escolares, o que nos indica que essa instituição se constitui no município produzindo um espaço racializado e de branquitude.

Palavras-Chave: Branquitude; Educação; Negritude; Pelotas; Racialização.

## 1. Introdução

O presente estudo aborda a História da Educação Profissional, em específico a Racialização no Ensino Profissional e Tecnológico pelotense. A história da educação profissional de Pelotas tem como marco a criação da Escola de Artes e Ofícios, com a finalidade ofertar educação para os desprotegidos da fortuna (expressão usual no período para referenciar os sujeitos pobres). No início do século XX, a elite pelotense almejava uma Escola de Artes e Ofícios aos moldes das 19 Escolas de Aprendizes e Artífices fundadas em capitais de alguns Estados brasileiros no ano de 1910, no governo de Nilo Peçanha, a fundação de tais escolas deu origem à Rede Federal de Ensino Profissional e Tecnológico e estava fundamentada nos ideais Republicanos. Conforme explicitado na documentação da instituição e nos jornais da época, a Escola de Artes e Ofícios foi criada no dia 07 de julho de 1917, por iniciativa da diretoria da Biblioteca Pública Pelotense (BPP), em sessão solene, no mesmo dia de comemoração do aniversário de Pelotas (MEIRELES, 2007).

A escola se constituiu primeiramente no imaginário coletivo do município e da região, posteriormente se constituiu no espaço físico e por último passou a ter a funcionalidade educacional, quando foi repassada para a municipalidade no ano de 1930, passando a ser denominada Escola Técnico Profissional (ETP), sendo o primórdio da educação profissional na

<sup>1</sup> A reflexão aqui apresentada faz parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida como parte do pós-doutorado em Educação Profissional no IFSUL/Campus Pelotas da primeira autora, Natália Pinto.

<sup>2</sup> Doutora em História. Pós-Doutoranda do PPGEDU/IFSUL; Pelotas, RS, Brasil; [nataliag.pinto@gmail.com](mailto:nataliag.pinto@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação; Instituto Federal Sul Rio-Grandense; Pelotas, RS, Brasil; [adriana.adrileon@gmail.com](mailto:adriana.adrileon@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestra em Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. Doutoranda do PPGEDU/IFSUL; Pelotas, RS, Brasil; [adrianaroschild@hotmail.com](mailto:adrianaroschild@hotmail.com)

cidade de Pelotas. Em 1933, a instituição recebe o nome de Instituto Profissional Técnico (IPT) funcionando ininterruptamente até 1940 (MEIRELES, 2007).

Esta reflexão faz parte de uma pesquisa mais ampla que pretende identificar o lugar ocupado pelos negros na instituição, tendo como foco principal analisar o perfil social desses discentes e a forma como acessaram o educandário. Nesse contexto, a proposta visa promover um debate crítico em prol de uma sociedade democrática, igualitária, antirracista e baseado no princípio da equidade (GOMES, 2011).

## **2. A Educação como uma pauta negra para acessar a cidadania**

A luta pela educação sempre foi uma pauta dos negros desde o tempo do cativo (FONSECA, 2007), na República essa ação era “entendida como meio de afirmação social e de acesso à cidadania”. A experiência da liberdade inaugurada com o advento da República trouxe uma celeuma para os afrodescendentes, pois seria uma liberdade pautada pelo viés do racismo científico (SCHWARCZ, 1993) marcada pela diferenciação social. Nesse sentido, a educação foi um espaço racializado (ALBUQUERQUE, 2009) em que uma minoria branca detinha o acesso ao letramento e a alfabetização, uma maioria de indivíduos marcados pelo fenótipo e pela cor da pele era alijada do processo de escolarização.

Caberia ao Estado brasileiro ofertar educação pública e de qualidade para todos os cidadãos; todavia, na República oligárquica brasileira, a liberdade era negra, mas a cidadania era branca. Então, se o Estado não cumpria o seu papel constitucional, caberia então às associações negras o engajamento na luta pela educação. Em Pelotas, no pós-abolição, nos demais jornais (fora da imprensa negra) que circulavam na cidade, os negros eram representados de maneira pejorativa e preconceituosa, sendo eles constantemente associados ao mundo da desordem, do crime e da embriaguez. Conforme apontam Gonçalves e Silva (2000), é no limiar do século XX que os movimentos sociais negros (imprensa negra, por exemplo) passam a reivindicar espaços políticos e sociais de direito:

O movimento criou suas próprias organizações, conhecidas como entidades ou sociedades negras, cujo objetivo era aumentar sua capacidade de ação na sociedade para combater a discriminação racial e criar mecanismos de valorização da raça. Dentre as bandeiras de luta, destaca-se o direito à educação. Esta esteve sempre na agenda destes movimentos, embora concebida com significados diferentes: ora vista como estratégia capaz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho, ora como veículo de ascensão social e, por conseguinte, de integração, ora como instrumento de conscientização por meio da qual os negros aprenderiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura do seu povo, podendo a partir deles reivindicar direitos sociais e políticos, direito à diferença e respeito humano (GONÇALVES e SILVA, 2000, p. 139).

A respeito disso, em meu trabalho denominado, “Campanha Pró-educação”: a luta pela alfabetização e a instrução nas páginas do Jornal A Alvorada (1933-1936), aponte que a educação era vista como algo positivo a ser alcançado pela comunidade negra, mas também o conceito de educação formulado por essa “elite intelectual” negra que escrevia as ideias da campanha eivadas de um sentimento moral muito latente. O primeiro desejo estampado no jornal era que os negros tivessem acesso à educação, ou seja, que a comunidade negra fosse alfabetizada. E tal engajamento deveria ser estimulado pelos pais das crianças. Nesse sentido, vai se apresentando o público-alvo dos intelectuais negros do semanário pelotense (PINTO, 2020, p. 12). Mas além do desejo de acesso à educação para os afro-brasileiros, a campanha salientava a importância de que não basta apenas os indivíduos de tez negra saberem ler as palavras e o que estava escrito no jornal ou pelo mundo afora. Era necessário ir além. Instruir-se, educar-se era fundamental para angariar condições melhores de vida. O que seria isso? Melhores condições de trabalho. Sem dúvida, o ensino e a ânsia da intelectualidade negra eram que o filho do operariado negro pelotense pudesse ter uma equidade no conhecimento ofertado nos educandários, assim como os filhos dos homens brancos que exerciam distintas profissões na cidade (como os médicos, os advogados, os professores etc.); por consequência, do acesso à educação (PINTO, 2020, p. 13).

A historiografia educacional mais tradicional quando abordava o negro nos seus processos de aquisição de conhecimentos era de forma estigmatizada e pejorativa. Essas interpretações negavam todos os mecanismos de resistência criados por eles ao longo da história, inclusive nas questões que alcançavam o recorte educacional. Dessa forma, a história da educação dos negros era um campo não consolidado, esquecido tanto entre os pesquisadores da Educação, como os que se dispunham a compreender o processo que envolvia as relações sociais no país. A história da educação entre a comunidade negra era relegada a um segundo plano, o que refletia a história da educação brasileira era um espaço de privilégio da classe branca, constituindo em espaço de branquitude.

Salientamos que no início dos anos 2000, há uma revirada na historiografia da história da educação dos afro-brasileiros, especialmente porque os próprios negros começaram a clamar por uma história mais plural e não etnocêntrica e começa um movimento de produção historiográfica realizada por pesquisadores negros e por acadêmicos também interessados na temática e na construção de uma história não única. Em seu texto História da educação: uma abordagem sobre a escolarização de afro-brasileiros publicado na ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação), Mauriléia Santos (2000) salienta que as primeiras

pesquisas desenvolvidas sobre a educação dos afro-brasileiros foram elaboradas pelos próprios negros, cansados de serem discriminados socialmente resolveram ir à luta.

Um exemplo dessa renovação historiográfica é o trabalho de Marcus Vinicius Fonseca (2004) em seu artigo “Escolas para crianças negras: uma análise a partir do congresso agrícola do Rio de Janeiro e do congresso agrícola do Recife, em 1878”, publicado nos Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação em 2004, notou uma vinculação entre educação e trabalho agrícola nas propostas dos proprietários de terras e parlamentares que participaram dos eventos e atuaram a favor da construção da Lei do Ventre Livre de 1871. Uma vez sancionada a lei, era preciso discutir o destino das crianças nascidas livres de mães escravizadas. Em relação à proposta educacional para essas crianças, os congressistas do Recife concluíram que deveriam ser criadas escolas agrícolas que transformassem ingênuos em trabalhadores úteis e onde pudessem ser educados conjuntamente com órfãos. Além disso, reivindicavam que o governo assumisse a responsabilidade pela educação dos ingênuos e pela indenização dos proprietários, criando escolas voltadas para a realização de uma educação útil a uma ordem fundamentada nas atividades agrícolas.

Em concordância com essa perspectiva, Surya Aaronovich Pompo de Barros (2005) verifica que a existência de escolas noturnas, clubes e espaços educativos diferenciados para instruir os negros não foram deixados de lado por esta produção bibliográfica em ascensão. Apesar disso, é possível salientarmos que ao contrário das outras dimensões da historiografia brasileira, “que passaram por um intenso processo de revisão acerca das suas formas de entendimento e tratamento da população negra, a história da educação continua produzindo interpretações que reafirmam a visão tradicional deste grupo na história” (FONSECA, 2007, p. 10). Nessa perspectiva, é papel do pesquisador empreender esforços, a fim de dar visibilidade aos indivíduos negros, em especial às crianças negras que, durante muito tempo, ficaram obscurecidas nas pesquisas históricas tradicionais. Em suma, a pesquisa visa ancorar-se nos debates em torno da questão da educação do negro no país, mais especificamente no campo da educação e do Ensino tecnológico profissional para refletir sobre o perfil dos estudantes na instituição investigada como também refletir sobre questões relativas à escolarização e à educação dos afro-brasileiros, sob o ponto de vista da história social do pós-abolição e da história brasileira da educação profissional.

### **3. A Campanha Pró-educação como uma ação organizada em defesa da escolarização**

Em contrapartida, havia na sociedade investigada um movimento coletivo de homens de cor letrados, através da publicação do jornal *A Alvorada* que, antes de tudo, era um veículo

de comunicação cultural, articulação de ideias, reivindicação de um segmento sem voz nem visibilidade e que também possuía uma ideologia de um grupo específico.

A valorização da educação era comum no folhetim, visto que o jornal fazia críticas severas ao sistema republicano por alijar os negros da educação, restringindo o desenvolvimento da população negra, mas também criticava a comunidade negra pelotense por não se empenhar a fundo para que seus filhos tivessem direito à instrução, mas também um controle social e moral perante a comunidade negra (CALDEIRA, 2020).

Esse movimento era intitulado Campanha Pró-Educação em que os articulistas negros relatavam a importância dos cidadãos de cor na sociedade de Pelotas terem direito e acesso à educação (alfabetização e a instrução escolar). Pinto (2020) assevera que tal luta encampada pelas páginas do jornal noticioso, indica que a comunidade negra ansiava por este direito político e social como anseio de conquistar melhores condições de vida e o reconhecimento de sua cidadania frente à sociedade racista brasileira.

#### **4. A Racialização no Ensino Profissional e Tecnológico pelotense**

A trajetória dos trabalhadores negros no Brasil se constituiu a partir da consolidação e organização do território brasileiro. Salienta-se que uma das principais características na estrutura demográfica do país foi o elevado contingente de população negra, o que remonta ao período de colonização. Além dos indígenas, os sujeitos negros contribuíram na formação do território brasileiro, deixando um legado de conhecimento e resistência em face da opressão pelo qual foram submetidos. No entanto, não foram considerados importantes no que tange a formação da sociedade brasileira. Conforme assevera Pereira (2011, p. 46), “mesmo tendo papel preponderante na formação da sociedade brasileira, o negro jamais foi considerado, pela intelectualidade dominante, como grupo social relevante a esta estrutura social [...]”

A partir da diáspora africana, milhares de negros vieram para o Brasil e foram encaminhados para diferentes regiões do país para desenvolver distintos tipos de atividades. Eles sofreram várias formas de violência, principalmente física. Diante de tais circunstâncias, a população negra passou a ter uma posição de marginalização perante a sociedade, principalmente pela forma com a qual esses sujeitos foram incorporados na sociedade brasileira, especialmente pela diáspora imposta. De acordo com Loner (2016, p. 194):

O negro na sociedade brasileira sempre esteve numa posição marginal, devido à forma como ele foi incorporado à vida econômica nacional, através do trabalho forçado de milhares de escravos, arrancados da África pela força e aqui explorados de forma desumana e cruel. Logo após o início da República, a sorte dos descendentes de africanos, agora livres, não melhorou substancialmente, porque o processo de abolição

da escravatura preocupou-se mais em encerrar a etapa escravista no uso da força de trabalho do que integrar o negro na sociedade brasileira. [...].

Com a supressão da escravização, ex-trabalhadores negros e seus descendentes tiveram que buscar a inserção na sociedade pelotense, em especial, o direito à educação e a obtenção de trabalho. Contudo, nem todos os sujeitos negros tiveram as mesmas oportunidades. Um expressivo contingente de ex-trabalhadores escravizados passou a conviver sequencialmente com a segregação racial e a discriminação social. Nessa perspectiva, os sujeitos negros passaram a vivenciar a falta de oportunidade tanto no mercado de trabalho assalariado, quanto no acesso aos bancos escolares. Assim, é possível verificar que embora o mundo do trabalho pelotense fosse composto majoritariamente pela população negra, as oportunidades, dentre elas, o direito ao trabalho assalariado e à educação, não eram direcionadas para o público negro, mas para os indivíduos brancos.

Nesse contexto, este estudo visa compreender a racialização no Ensino Profissional e Tecnológico pelotense, tendo o desafio estabelecido para uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação, com o objetivo de investigar quem eram os estudantes da comunidade do Ensino Profissional e Tecnológico nos primórdios da instituição na cidade de Pelotas com o fito de analisar se esse educandário possuía alunos negros. Diante disso, a pesquisa torna-se relevante para analisar esse ambiente educacional e profissional como um espaço racializado na República de outrora (ROSCILD, 2021).

Através de um perfil social e racial dos alunos que estudavam na instituição, é possível observar quem estava usufruindo ou não acesso a uma educação profissional trazendo à tona o debate sobre racialização e branquitude no âmbito dessa instituição tão cara a sociedade pelotense, da qual nasce para atender a população jovem e carente do município. Essa parcela citada estava realmente tendo o direito de acesso à educação profissional e tecnológica ou estava reproduzindo e reiterando o racismo estrutural no campo da educação, alijando a população negra desse direito social de cidadania?

Nesse contexto, conforme as análises realizadas por Roschild (2021) por meio de duas fotografias da Escola Técnico Profissional, uma foto de alunos (figura 1), com data de 1931 e outra fotografia de um grupo de professores e ex-alunos (figura 2), ano de 1939, a escola constituiu-se a partir de um espaço racializado. A autora sinaliza que os discentes do sexo masculino e em sua maioria de fenótipo branco, pressupondo-se que três eram sujeitos negros, semelhante ao denotado na foto de professores e ex-alunos, de 1939, no qual aponta que a maioria dos indivíduos eram brancos, conforme ilustrado a seguir:

**Figura 1** - Sala de aula da Escola Técnico Profissional e os alunos



**Figura 2** - Corpo docente e ex-alunos da Escola Técnico Profissional



Fonte: Roschild, 2021, p. 103

Fonte: Roschild, 2021, p. 105

Diante disso, a partir da análise das fotografias, é plausível salientar que a instituição contemplava em sua maioria o público branco e não negro, promovendo um espaço educacional racializado. Assim, em uma população majoritariamente negra, como é caso da população pelotense, os negros não estarem contemplados no público indica que esse espaço estava direcionado para o pobre desvalido branco.

## 5. Considerações finais

A população pelotense no período em estudo era composta majoritariamente por negros, contudo esses sujeitos não aparecem na mesma proporção nos bancos escolares. Roschild (2021) ao analisar algumas fotografias da Escola Técnico Profissional localiza poucos estudantes negros, o que nos indica que a instituição se constitui no município produzindo um espaço racializado e de branquitude.

Apesar de a população negra hoje ter maior expressividade, liberdade e possibilidades de se manifestar, o padrão hegemônico continua sendo o da branquitude. Desde o momento em que se pretende fazer uma história que tenha significado, utilização ou comprometimento político, só se pode fazê-la corretamente sob a condição de que se esteja ligado, de uma maneira ou de outra, aos combates desenrolados no domínio proposto. Mais do que desenvolver um projeto de pós-doutorado sobre a identidade racial dos alunos no ensino profissional e tecnológico e seu processo educacional, o engajamento dessa investigação permitirá pautar a construção de uma educação antirracista e democrática preceitos tão ímpares para a instituição analisada.

Assim sendo, destaca-se a necessidade de conhecermos a história da educação no Ensino Profissional e Tecnológico e quem fez parte dele. Se tais instituições foram fundadas para

atender aos pobres e desvalidos da sorte, por que a negritude não está contemplada nesse espaço? Compreender o espaço ocupado pelo negro na sociedade brasileira, implica em realocar esse sujeito historicamente e colaborar para a construção de uma sociedade democrática, plural, não dualista, emancipatória e antirracista.

### Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CALDEIRA, Jeane. *A infância desvalida institucionalizada em Pelotas: controle e ordenamento social nas páginas dos periódicos locais – década de 1910 e 1940*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação: UFPEL, 2020.

BARROS, Surya Aaronovich Pompo de. *Negrinhos que por ahi andão: a escolarização da população negra em São Paulo (1870-1920)*. São Paulo: (Dissertação de Mestrado) - Universidade de São Paulo – USP - Faculdade de Educação, 2005.

FONSECA, Marcus. *Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação: USP, 2007.

\_\_\_\_\_. *Escolas para crianças negras: uma análise a partir do congresso agrícola do Rio de Janeiro e do Congresso agrícola do Recife, em 1878*. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação: *A educação escolar em perspectiva histórica*. Curitiba-PR, 2004.

GOMES, Nilma Lino. *Diversidade étnico-Racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas*. *RBPAE*, Brasília, v. 27, n.1, p. 109-121, jan. /abr. 2011.

LONER, Beatriz. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: Ed. UFPel, 2016.

MEIRELES, Céres Mari da Silva. *Das Artes e Ofícios à Educação Tecnológica: 90 anos de História*. Pelotas: UFPEL, 2007.

PEREIRA, André Luis. *O pensamento Social e Político na Obra de Abdias do Nascimento*. 2011. 105f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PINTO, Natália Garcia. *“Campanha Pró-Educação”*: a luta pela alfabetização e a instrução nas páginas do Jornal A Alvorada (1933-1936). Trabalho de Conclusão de Curso. Curso Formação Pedagógica para Graduados Não-Licenciados, IFSUL, 2020.

ROSCHILD, Adriana Barboza. *A Escola de Artes e Ofícios de Pelotas/RS e o Ensino-Técnico Profissional (1917-1930)*. 2021. 140f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas, Pelotas, 2021.

SANTOS, Mauriléia. *A história da educação: uma abordagem sobre a escolarização de afro-brasileiros*. ANPED, Caxambu-MG, out/ 2000.



SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

## **“Eduque a sus hijos”: la historia de la racialización en la educación tecnológica profesional**

### **Resumen**

Histórico do artigo:  
Submetido em: 05/04/2022 – Aceito em: 20/09/2022

Este estudio aborda la racialización de la Educación Técnica Profesional en Pelotas en el marco temporal de la década de 1930. La lucha por la educación siempre ha sido una agenda de la población negra, esta reflexión busca señalar algunas iniciativas al respecto y analizar la consolidación de la Educación técnica en una ciudad del sur del país. La propuesta metodológica se basa en una perspectiva cualitativa, con enfoque histórico, técnica asociada al análisis documental. La población de Pelotas en el período de estudio estuvo conformada mayoritariamente por negros, sin embargo estos sujetos no aparecen en la misma proporción en los bancos escolares, lo que indica que esta institución se constituye en el municipio, produciendo un espacio racializado y en blanco.

Palabras claves: blancura; educación; negrura; Pelotas; racialización.

## **Éduquez vos enfants: l'histoire de la racisation dans l'enseignement professionnel technologique**

### **Résumé**

Cette étude porte sur la racialisation de l'enseignement technique professionnel à Pelotas dans les années 1930. La lutte pour l'éducation a toujours été un agenda pour la population noire, cette réflexion cherche à mettre en évidence quelques initiatives concernant et analyser la consolidation de l'enseignement technique dans une ville du sud du pays. La proposition méthodologique s'appuie sur une perspective qualitative, à visée historique, technique associée à l'analyse documentaire. La population de Pelotas pendant la période d'étude était majoritairement composée de noirs, bien que ces matières n'apparaissent pas dans la même proportion sur les bancs de l'école, ce qui indique que cette institution se constituait dans la commune, produisant un espace racisé et blanc.

Mots clés : blancheur ; éducation; noirceur; Pelotas; racialisation.

## **Educate your children”: the history of racialization in professional technological education**

### **Abstract**

This study addresses the racialization of Vocational Technical Education in Pelotas in the 1930s. The struggle for education has always been an agenda for the black population, this reflection seeks to highlight some initiatives regarding and analyze the consolidation of Technical education in a city in the south of the country. The methodological proposal is based on a qualitative perspective, with a historical focus, technique associated with documental analysis. The population of Pelotas during the period of study was made up mostly of blacks, although these subjects did not appear in the same proportion in the school benches, which indicates that this institution was constituted in the municipality, producing a racialized and white space.

Keywords: whiteness; education; blackness; Pelotas; racialization.